Dr. ARTUR CÉSAR FERREIRA REIS

A AMAZÔNIA BRASILEIRA

SEPARATA DA REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA — N.º 1 — ANO IX

EDIÇÃO EM HOMENAGEM À REUNIÃO PREPARATÓRIA DA CRIAÇÃO DO "INSTITUTO INTERNACIONAL DA HILÉIA AMAZÔNICA", A REALIZAR-SE EM BELÉM, CAPITAL DO ESTADO DO PARÁ, DO BRASIL, EM AGÔSTO DE 1947



RIO DE JANEIRO
INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA
CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA
1947

Dr. ARTUR CÉSAR FERREIRA REIS

A AMAZÔNIA BRASILEIRA

SEPARATA DA REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA — N.º 1 — ANO IX

EDIÇÃO EM HOMENAGEM À REUNIÃO PREPARATÓRIA DA CRIAÇÃO DO "INSTITUTO INTERNACIONAL DA HILÉIA AMAZÔNICA", A REALIZAR-SE EM BELÉM, CAPITAL DO ESTADO DO PARÁ, DO BRASIL, EM AGÔSTO DE 1947



RIO DE JANEIRO
INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA
CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA
1947

A AMAZÔNIA BRASILEIRA *

Flagrantes de sua formação e de sua atualidade

Artur César Ferreira Reis

O cenário A Amazônia é uma vasta planície. Para efeito de um melhor entendimento das diferenciações brasileiras, enquadrada pelo Conselho Nacional de Geografia na primeira zona ou região brasileira. Compreende os Territórios Federais de Amapá, Rio Branco, Acre e Guaporé, os Estados do Amazonas e Pará, além de faixas de terras do norte dos Estados de Mato Grosso e Goiás, servidos por águas amazônicas e caracterìsticamente dentro da região.

Sua principal distinção está no conjunto fluvial da bacia do rio Amazonas e das pequenas bacias que molham a região da Guiana Brasileira, no Território do Amapá, e na densidade florestal, que lhe dá a pinta mais particular e lhe equaciona, como vamos ver adiante, as condições existenciais.

O conjunto fluvial representa-se numa volumosa massa d'água que interessa o Brasil e as repúblicas vizinhas de Venezuela, Colômbia, Equador, Peru, Bolívia e Guiana Britânica, servindo ao nosso relacionamento com aquelas democracias e estabelecendo uma unidade regional que permite considerarmos o conjunto amazônico como um mundo particular dentro do mundo sulamericano. Abrange área de 6 milhões e meio de quilômetros quadrados e tem uma velocidade que oscila entre 2 e 6 quilômetros por hora. O trecho brasileiro do Amazonas enumera-se em quase 4 milhões dessa área.

A densidade florestal, por outro lado, fixa a paisagem que, só por exceção, se apresenta esmaecida nos trechos de campos naturais. O espaço ocupado pela floresta representa, porém, 80% de terras.

A vôo de pássaro, essas nossas afirmativas podem ser melhor compreendidas ou apreciadas. Mesmo porque da amurada das embarcações que sulcam as águas amazônicas só de leve se pode colhêr a impressão exata do que representa, na vida regional, e lhe dá feição fundamental, êsse conjunto de águas e essa densidade florestal.

A extensão territorial da Amazônia Brasileira assenta em mais de três milhões e meio de quilômetros quadrados. Nesse espaço gigantesco, o homem está representado em apenas cêrca de um milhão e meio de indivíduos. O espaço ocupado pelas águas e pela floresta, em conseqüência, continua dominante.

Falamos em região de campos naturais. Essas regiões localizam-se na ilha do Marajó, no baixo Amazonas, nas cercanias da fronteira com a Guiana Holandesa, no vale do rio Branco, na Guiana Brasileira que se estende do litoral atlântico em direção ao Jari, entre o Madeira e o Purus, trechos dos municípios de Lábrea e Humaitá. Êsses campos

* Conferência pronunciada por ocasião do X Congresso Brasileiro de Geografia.

não são continuados. Espaçam-se muito, pela penetração da floresta. Têm sido aproveitados para a fundação de estabelecimentos pastoris, principalmente os de Marajó e os do Rio Branco.

Os geógrafos brasileiros dividem a Amazônia em três zonas: a boreal serrana, a central e a das grandes matas do sudoeste. Na primeira, há um relêvo granítico acentuado. Aí está localizado o que chamamos o sistema guiano ou parimo, identificável fàcilmente pelos dois trechos do maciço guiano. Três grandes bacias têm seus divisores de água nessa zona: a do Amazonas, pelas águas dos rios Branco e Negro; a do Orinoco, cujas nascentes são uma descoberta realizada, há meses, pelos bravos servidores da ciência que são os membros brasileiros e venezuelanos das comissões mistas demarcadoras da fronteira norte, e a do Esequebe-Rupununi.

Na segunda, onde a depressão é visível, as ondulações do terreno são apagadas, apenas aflorando, podemos assim dizer, em pequenos tabuleiros, entre o Paru e Parintins. E' essa zona pontilhada por ilhas de todos os tamanhos e por lagos em quantidade infinita. São aí os famosos estreitos de Breves. Mais acima, o rio sofre uma angustura, na altura de Óbidos, angustura violenta em face das proporções de largura dos demais trechos fluviais.

Na terceira zona, vamos caminhando em ascensão. Os rios rumam para os chapadões matogrossenses ou tomam a direção da cordilheira andina. E' a zona por excelência da floresta. Os campos rareiam. A riqueza dominante é a hévea brasiliense. Alguns dos rios que correm aí estão ainda em formação de leito.

A temperatura nessas três zonas não é de todo igual. Embora integrando a zona equatorial, quente e úmida na generalidade, no trecho serrano, como no trecho da mata sul, o calor perde muito de seu vigor. As estações são duas apenas: inverno e verão. O inverno começando em novembro e o verão em maio. A temperatura média em Belém é de 25°,6; em Manaus, 26°,6.

O Amazonas corre em direção ao Atlântico fertilizando e destruindo. Seus afluentes mais vigorosos, de maior rêde, estão na margem direita. São o Javari, o Juruá, o Purus, o Tapajós, o Madeira e o Xingu, vias de acesso a Mato Grosso e à Bolívia e Peru. Pela margem esquerda os afluentes são o Içá, o Japurá, o Negro, o Urubu, o Nhamundá, o Trombetas, o Jari e o Paru. Dêsses rios, o Urubu, o Nhamundá, o Trombetas, o Paru não foram percorridos em tôda a extensão. Continuam domínio do gentio, habitados que são apenas no baixo curso pelos extratores de produtos naturais. O Tocantins-Araguaia, por algum tempo foi considerado como uma bacia autônoma. Suas águas teriam vindo associar-se às da bacia amazônica sem vassalagem, antes num paralelismo de fôrças. Já hoje o encorporamos ao sistema do Amazonas, pelas águas do chamado rio Pará.

No vale dos rios Branco e Negro, as turmas das várias comissões brasileiras de limites têm realizado reconhecimentos integrais. Na atualidade mesmo, a Primeira Divisão Demarcadora, sob a direção do

comandante BRÁS DIAS DE AGUIAR, operando em zonas novas, fêz o levantamento do Demeni, do Uraricoera, do Mucajaí, do Padauiri e do Parima e reconheceu o Lôbo d'Almada, o Cunha Vilar, o Melo Nunes e o Couto de Magalhães, que só agora passam a figurar nas nossas cartas geográficas. O Parima e o Uraricoera, o Mucajaí, o Padauiri não possuíam manadeiros conhecidos. Êsses manadeiros foram atingidos pelas turmas brasileiras da Comissão Demarcadora, Primeira Divisão, nos três últimos anos. Revolução geográfica evidente a que está realizando a bravura e o civismo dos homens que servem sob a direção do comandante BRÁS DE AGUIAR. Revolução geográfica, todavia, que ainda não está encerrada, dado que há outros imensos trechos da Amazônia que ainda não se beneficiaram dos olhares da ciência para os quadros da Geografia.

Dissemos que o Amazonas destrói e constrói. Destrói porque na época do crescimento das águas, inunda vastíssimas áreas onde vivem os rebanhos, onde se faz a pequena agricultura de intenção alimentar, matando os rebanhos, destruindo as lavouras. O fenômeno das terras caídas toma proporções nesse período: enormes trechos das margens altas do rio e seus afluentes desabam, comidas pelas águas, tudo arrastando, inclusive gigantescos espécimes da flora regional.

Constrói, porque na descida das águas, fertiliza, com os sedimentos vários que deixa sôbre as margens, permitindo aquelas lavouras alimentares que garantem ao homem o necessário para a acometida que êle realiza sôbre a floresta. Essas margens baixas, e assim tão úteis, lavadas e adubadas são as várzeas, que por tal se distinguem das chamadas terras firmes.

A floresta amazônica é uma das mais esplendorosas e extensas do mundo. Ora é atingida pelas águas da bacia do Rio-Rei, ora fica fora da invasão dessas águas. "Nas terras firmes, a coloração é verde-escura, escreve ALFREDO DA MATA, identificando-se o espaço, além do mais, pela presença de indivíduos botânicos como a castanheira, o caucho, a hévea, etc. A escassez de palmeiras é sensível. As matas de várzea não apresentam a mesma pujança e estão sempre ameaçadas de destruição pela voracidade das águas." Mas como as terras firmes guardam imensas riquezas selvagens representadas por tipos de hévea, urucuris, samaumeiras, açacuzeiros e canaranas.

Nas terras firmes, escondem-se milhares de indivíduos da fauna econômica da região. Como nas águas do Solimões, do Purus, do rio Branco habita uma população de alguns milhares de espécies ictiológicas, como o pirarucu, o peixe-boi, a tartaruga.

O cenário amazônico tem sido objeto de uma literatura intensa e nem sempre exata. Seu descritivo é difícil. As mil particularidades fisiográficas, representadas nos rios, nos lagos, nos paranás, nos igarapés, as mil particularidades fitogeográficas e zoogeográficas criaram para a Amazônia a situação particular de um mundo de singular fisionomia, sintetizável em águas abundantes, florestas gigantes, humanidade escassa, fauna riquíssima, economia destrutiva.

As culturas primitivas Os europeus que vieram fazer a conquista da Amazônia, fôsse penetrando-a pelo Atlântico, fôsse pela via peruana, portanto partindo das margens do Pacífico, encontraram-na habitada e dominada por multidões gentias que, ora de pronto lhes procuraram barrar o passo, ora com êles se acamaradaram, ajudando-os na façanha da conquista e com êles colaborando, posteriormente, na criação da riqueza e da nova sociedade.

Essas multidões gentias nunca puderam ser inventariadas no aspecto quantitativo. Falavam os cronistas do descobrimento em centenares de tribos, conseqüentemente muitos milhares de indivíduos compondo essas tribos. Alguns dêles descreveram povoados às margens do Amazonas que reuniram multidões como as cidades vertiginosas de hoje. Evidentemente um exagêro. Ainda hoje será difícil avaliar com a segurança necessária êsse quantitativo indígena, embora elas estejam reduzidas, sob qualquer aspecto por que as procuremos examinar.

No tocante ao grau de cultura que apresentavam, não será fácil também informar com exatidão. As multidões primitivas da Amazônia, na generalidade indicadas como numa infância de cultura, só na atualidade têm sido examinadas dentro dos rigores técnicos da antropologia cultural. Aquêles índices negativistas que encontramos registrados pelos primeiros cronistas, que só viam o nativo como um homem inferior, desprovido de conhecimentos apreciáveis, porque êsses conhecimentos não se bitolavam pelos conhecimentos da ciência européia, só na atualidade têm sido avaliados na devida proporção, dêsses inquéritos e pesquisas já se estando a concluir que os graus de cultura em que êles viviam não eram tão baixos como se imaginou, como também não possuem aquela riqueza de modelos ou de aspectos que singularizaram as culturas das gentes do Peru, do México e da Colômbia.

Restos ou não de grupos emigrados para a bacia amazônica, os primitivos da Amazônia, no setor brasileiro, estão classificados entre os Tupi-Guarani, os Tapuia, Cariba, Nuaruaque, Pano, Betóia, Tucano. Grosso modo, mais famosos os das famílias Tupi e Nuaruaque, aquêles igualmente os que deram maiores contingentes para o povoamento.

Em contacto com o ambiente amazônico, poderosamente rico em água e floresta, Tupis, Nuaruaques, Caribas, naturalmente condicionaram sua existência ao imperativo do espaço assim caracterizado. Utilizaram as espécies da flora na confecção de suas particularidades culturais, como utilizaram as águas regionais para caminhar, ir às guerras, nutrir-se do pescado, mover-se, enfim, nesta ou naquela direção. Quase todos os povos amazônicos, por isso mesmo, foram canoeiros habilíssimos· alguns dêles, como os Camutá do Tocantins, os Cambeba do Solimões, e os Mura do Madeira-Purus, distinguindo-se dos demais pela habilidade assombrosa com que construíam e guiavam suas embarcações. Para recordar um acontecimento histórico, basta referir que foi com a ajuda técnica dos Camutá que PEDRO TEIXEIRA e seus companheiros,

entre 1637-1639 subiram o Amazonas-Napo-Aguarico até Quito, e os desceram a Belém, realizando a façanha homérica do desbravamento da alta hinterlândia amazônica. Os Mura, gentio de corso, durante mais de um século assaltaram as expedições lusitanas, atacaram os povoados montados à beira rio, em correrias fluviais que fizeram época e serviram para que zombassem da energia das autoridades civis e militares que tentavam contê-los e castigá-los. De tal maneira famosos, que mereceram as rimas de um poema heróico, — *A Muraida,* escrito pelo vigário de Moura. No ciclo da cabanagem, foi ainda êsse gentio canoeiro que zombou dos navios das esquadrilhas do govêrno fugindo-lhes ao alcance, pelos paranás, furos, lagos, cassiquiris e igarapés, evidenciando suas qualidades navegatórias, que o ambiente explicava.

Na selva, colheram os nativos amazônicos a matéria prima com que fabricaram as suas rêdes, teceram e construíram os seus utensílios diários. Na selva, abateram as aves, cujas penas trabalharam com um carinho em sentido artístico especial para seus colares e mais adornos. Da flora, buscaram as espécies e as tintas com que decoraram e prepararam os artefatos de sua indústria doméstica ou não. Na região da Mundurucânia, os Maué descobriram os efeitos curativos do guaraná, que cultivaram e adotaram como elemento necessário ao vigor da raça. No Solimões, os Cambeba descobriram as seringueiras, de cujo leite fizeram bolas, sacos e outros utensílios.

No Marajó, em Santarém, em Muiracanguera, entre Tefé e Coari· grupos ainda não bem identificados, que ali viveram, trabalharam na cerâmica, e a cerâmica é, como sabemos, um dos documentos mais importantes para considerar o grau das culturas dos primitivos, revelando-se na posse de um sentido artístico elevado. Os nossos museus, como os museus europeus, guardam peças verdadeiramente maravilhosas, fruto da sensibilidade daquelas gentes e do grau de cultura espiritual que haviam atingido por ocasião da conquista européia.

Essa conquista, compreende-se perfeitamente, trazendo culturas novas, perturbou profundamente o processo evolutivo normal das culturas nativas, desajustando-as ou procurando destruí-las integralmente. Nesse particular, ocorreu, porém, a nota curiosa da resistência das culturas nativas. Os nativos, por exemplo, recusavam falar português. Ainda hoje, quem se lhes dirige nos dialetos em que expressam suas idéias e vontades, dêles recebe a imediata e fácil ajuda, o que não acontece aos que lhes solicitem a cooperação ignorando-lhes os falares. Por outro lado, continuemos a exemplificar, tôdas as pintas sociais e econômicas, partindo dos tipos antropológicos à alimentação, aos costumes domésticos, aos múltiplos aspectos do viver diário, pagam seu tributo ou são ùnicamente ainda manifestações dos hábitos, das atitudes, das dietas, das atividades que distinguiram os homens das selvas amazônicas. No tocante à alimentação indígena, os peixes, moqueados ou tratados pelos processos indígenas; a farinha, deitada numa cuia d'água constituindo o chamado "xibé", prato de resistência que não

falta à mesa do amazônico; o açaí, bebida feita do fruto de uma palmeira e saboreado em tôdas as refeições, muitas vêzes até, convenientemente adubada pela farinha, servindo de único alimento durante dias e dias.

As culturas indígenas da Amazônia, sumàriamente indicadas nos seus índices materiais e espirituais pelo naturalista ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA, no século XVIII, são culturas pragmáticas, como podemos verificar pelas suas resultantes nos nossos dias, resultantes que se expressam nas pintas sociais e econômicas, eloqüentemente caracterizadoras.

Os nódulos sociais Os contingentes humanos que entraram na composição social da Amazônia representaram-se, inicialmente, como nas outras partes do Brasil, pelas gentes européias, pelos grupos gentios e pelos trabalhadores africanos, importados para as emprêsas agrárias que se tentavam.

As gentes européias foram, grosso modo, os lusitanos do Reino, chegados para governar, para tomar conta da terra na condição de senhor, para ter em mãos a direção da coisa pública e da coisa privada. A êsses contingentes reinóis que, é de ver-se logo, nunca se algarismaram impressionantemente, vieram desde o século da conquista reunir-se, com certo vulto, os imigrantes das ilhas dos Açôres, transportados aos casais e conduzidos para as tarefas agrárias, pelo que lhes foi, de pronto, entregue a terra e o necessário instrumental da época. Por fim, devemos considerar as pequenas colônias de suíços, irlandeses, ciganos, que deram pouco de sua presença, não sendo ainda por esquecer-se os lusitanos do estabelecimento fortificado de Mazagão, na África, que deram origem a Nova Mazagão e Tentugal, dois sítios urbanos que se estiolaram e são hoje mais reminiscências histórico-geográficas.

A contribuição africana não teve uma expressão forte. O negro não encontrou ambiente na Amazônia. Não havia capitais para adquirir a mercadoria negra. O meio geográfico, por outro lado, exigia mais do próprio gentio, que lhe sabia os segredos e podia cooperar de maneira mais impressiva e mais abundantemente quanto aos resultados. Em todo caso, as avaliações falam em menos de 25 000 africanos que teriam sido trazidos no período colonial, a que se somou pouco mais no ciclo seguinte até a legislação libertária de 13 de maio de 1888. As duas Províncias do vale, às vésperas daquela providência, não possuíam mais de 20 000 escravos. Antes mesmo do ato imperial, a Província do Amazonas declarara livres todos os homens que vivessem em seu território. A influência do negro, em conseqüência, foi insignificante, numa população que, a essa altura, somava 400 000 indivíduos.

A multidão indígena, essa foi realmente a que dominou, como dominam na atualidade seus descendentes diretos. Os índices quantitativos, para caracterizar-lhe a importância, são todos precários. Mas não será excessivo afirmar que foi essa multidão, ainda no presente inumerável a rigor, que povoou e marcou os índices mais fortes do passado e,

Constituem, conseqüentemente, dois tipos singulares, que vivem o mesmo ambiente geográfico, com tarefas dessemelhantes, mas compondo a sociedade da hinterlândia.

O caboclo continua caçando, pescando, colhendo a especiaria nativa, colhendo os toros de madeira que os rios empurram em direção ao Atlântico, remando as canoas, ingressando nos corpos de tropa, vivendo a vida primitiva que sua situação econômica e física permite. Sua alimentação é frugalíssima. Contenta-se com o que lhe dão os rios e lagos piscosos, a farinha que sabe fabricar como ninguém e os subsídios que a floresta lhe fornece. Agasalha-se em habitações rústicas, construídas com a paxiúba e o esteio de madeira que solicita à floresta vizinha. Sua família é geralmente grande. Sua distração é justamente o aumento da família. Vive às margens dos rios e lagos. Não tem ambições. Dá, à primeira vista, a impressão de que é um vencido ou um desajustado ao meio. Não tem estatura elevada. De compleição física de pequeno vulto. Sabedor, como ninguém, de quanto diz respeito ao ambiente. Canoeiro admirável. Mateiro sem rival, silencioso, sem expansividades gritantes, mas profundamente cáustico nas frases moles que expressam seu desapontamento ou lhe revelam o espírito crítico e vingativo ante a agressão ou o desdém do ádvena.

O nordestino, vibrante, cheio de disposição para construir seja o que fôr, é o seringueiro por excelência. Habitua-se à floresta, revelando-se um ótimo discípulo, aprende com o caboclo a integrar-se no novo ambiente. Trabalha a terra quando se lhe abre uma possibilidade. Tem agilidade e espírito combativo. Família grande. Atira-se pelo desconhecido sem hesitação. Tem consigo uma bravura espetacular. Nos entreveros do Acre foi soldado magnífico, servido de sentimento cívico notável. Não constrói sua habitação como o caboclo amazônico. Se, no primeiro momento, cede e habita nas do tipo que o caboclo criou, depois constrói a habitação de madeira ou de adôbe, rodeada de jardim, planta à volta do roçado para a alimentação diária, impõe-se um confôrto material menos primitivo. De ambos, fêz o perfil psicológico um escritor da Amazônia, ALFREDO LADISLAU.

Dissemos que caboclos e nordestinos compõem, com tarefas dessemelhantes, o fundo da paisagem social amazônica. Com a paisagem social, acrescentemos, compõem igualmente a paisagem econômica, que permite as distinções necessárias a uma melhor caracterização dos dois grupos quanto à sua participação nos grupos brasileiros.

A classificação dos grupos sociais brasileiros, é certo, não foi ainda objeto de uma atenção especial. SÍLVIO ROMERO, TRISTÃO DE ATAÍDE, entre outros, tentaram classificação, atendendo a circunstâncias de vida, de formação étnica, de regiões onde a humanidade nacional exerça suas atividades, etc. Tôdas essas tentativas, todavia, tão precárias, que estão a exigir, como, aliás, já percebera SÍLVIO ROMERO, a classificação preliminar dos grupos regionais, provinciais, para que se possa posteriormente realizar a classificação geral dos grupos brasileiros.

No caso particular da Amazônia, José Veríssimo estudou os tipos tapuios, examinando-lhes as peculiaridades, como Araújo Lima esquemou outros tipos, nêles incluindo o homem vindo do Nordeste para a aventura da borracha. As populações amazônicas, evidentemente devem ser estimadas, insistimos como de origem indígena local ou de origem nordestina, esta com fundo igualmente indígena, como sabemos. Elas se distribuem, porém, pelo espaço amazônico, diversificando-se quanto a certas atividades que exercem, as quais nos permitem esboçar ou aventurar uma classificação. Assim, os homens da Amazônia podem ser distribuídos, em função de suas atividades, como: seringueiros, seringalistas, balateiros, caucheiros, castanheiros, madeireiros, coletores de couros e peles, guaranàzeiros, piaçabeiros, lavradores da Estrada de Ferro Bragança, lavradores de cana, cacau e juta, pescadores marítimos, criadores do Marajó, baixo Amazonas e rio Branco, garimpeiros do rio Branco.

— *Seringueiros* são os trabalhadores da borracha, geralmente cearenses à medida que se penetra à alta hinterlândia.

— *Seringalistas* são os proprietários de seringais, geralmente antigos seringueiros, que venceram o meio e conseguiram subir um degrau da escada social.

— *Balateiros* são os extratores de balata. Vivem principalmente no rio Negro e no rio Branco.

— *Caucheiros* são os extratores de caucho. Operam geralmente na fronteira com o Peru e Bolívia, zona mais rica em caucho. São geralmente peruanos.

— *Castanheiros* são extratores de castanha. Operam no Tocantins Araguaia, Solimões, Madeira, Purus, Trombetas.

— *Madereiros* são os coletores de madeiras, que pescam nos rios, salvando os toros que as águas do Amazonas, Madeira e Juruá arrastam. Vivem geralmente às margens do Amazonas, na região das ilhas.

— *Coletores de couros e peles* são os operários que buscam, na floresta, os espécimes animais que lhes servem para extrair os couros e as peles, negócio rendoso. Habitam em todo o espaço ecumênico amazônico.

— *Guaranàzeiros* são os descendentes de Mundurucu, Mura e Maué, que habitam a região da Mundurucânia e plantam e beneficiam o guaraná, que exportam para Mato Grosso. A Mundurucânia é a região delimitada pelo Ramos, Maués, Canumá e Madeira.

— *Piaçabeiros*. Vivem no rio Negro. Extraem a piaçaba, exportada para o Sul e para os Estados Unidos.

— *Lavradores da Estrada de Ferro Bragança* são nordestinos e seus descendentes. Lavram a terra, abastecendo os mercados de Belém, com os cereais de que se alimentam. Plantam também algodão.

— *Lavradores de cana, cacau e juta*. Vivem os primeiros nos municípios de Abaeté, Igarapé Miri e Muaná. Plantam cana e fabricam açúcar de má qualidade e cachaça. Os segundos vivem no Tocantins, na região de Óbidos e Santarém, Parintins e Itacoatiara. Constituíram um dos grupos mais fortes no final do período colonial e nas cinco primeiras décadas do século XIX. São atualmente uma expressão secundária. Os últimos constituem o grupo mais novo. São caboclos que aprenderam, com os japonêses da colônia de Parintins, onde começaram a trabalhar, a cultura da juta indiana. Vivem entre Parintins, Silves, Barreirinha, Faro, Oriximiná e Óbidos.

— *Pescadores marítimos e fluviais*. Na generalidade, o homem amazônico é pescador. Pesca para alimentar-se. Pesca também como atividade econômica. Então êsse pescador vive no litoral, entre Bragança, Vigia e a costa marajoara. Vai ao alto mar com a mesma intrepidez do pescador, do jangadeiro nordestino. Vive em colônias, sob orientação da administração federal. Os pescadores fluviais distribuem-se pelo Solimões, Juruá, Purus e rio Branco. Pescam o pirarucu, a tartaruga e o peixe-boi, que imediatamente beneficiam por processos primitivos.

— *Criadores*. Os do Marajó são caboclos e negros, descendentes de escravos. Têm a agilidade dos pastôres nordestinos. Os do baixo Amazonas são caboclos. Os do rio Branco são nordestinos, principalmente paraibanos, que também fazem uma pequena lavoura, e caboclos.

— *Garimpeiros* são os trabalhadores dos garimpos do rio Branco, na orla lindeira com a Venezuela.

Êsses homens, assim distribuídos de acôrdo com suas atividades econômicas, conseqüentemente sem que atendêssemos às suas características antropológicas físicas e sim, de alguma maneira, às suas características antropológicas culturais, são desnutridos. Alimentam-se de pescado, farinha, bebem açaí. Recebem salários irrisórios, quando recebem êsses salários. Não conhecem quase assistência médica. Adquirem os gêneros de que têm necessidade, como as próprias roupas, por preços desmedidamente altos. Amam os "dançarás", que lhes perturbam os índices de produtividade.

As cidades e vilas da hinterlândia não possuem condições de bem estar que sejam incentivo aos grupos dos povoados e sítios para melhoria de vida. Seus quadros demográficos são expressivos pelos algarismos de mortalidade que apresentam, principalmente das idades infantis. Ante essas perturbações profundas e violentas produzidas pela destruição e pelos surtos palúdicos e das outras endemias e epidemias que têm assaltado a Amazônia, constituindo grosso capítulo da geografia das calamidades nacionais, o aumento populacional no vale tem sido vagaroso. Entre 1743 e 1749 por exemplo, numa população de menos de 100 000 indivíduos, houve 40 000 baixas provocadas pela epidemia da varíola, que só em Belém fêz 7 600 vítimas.

Na administração Hermes da Fonseca, programou o govêrno federal, com a valorização da borracha, ante a ofensiva da goma oriental plantada, o saneamento do vale. OSVALDO CRUZ foi chamado a orientar as providências oficiais. Resultou essa iniciativa administrativa no planejamento de medidas que incluíam o estabelecimento de pequenos hospitais, o equipamento dos seringais com a assistência médica aos seringueiros, a recuperação das cidades e vilas pelos trabalhos de engenharia sanitária e a defêsa da saúde com mil outras determinações que, se executadas, teriam resultado na maior realização sanitária de todos os tempos. OSVALDO CRUZ riscou seu plano, depois de um estudo minucioso. Seu relatório, com a legislação então decretada, são ainda hoje as melhores fontes para o conhecimento da solução dos problemas sanitários do vale, da mesma maneira por que são as raízes da atual campanha do SESP.

As quatro épocas da vida histórica

Dentro dos três ciclos da história político-institucional brasileira, a formação da Amazônia apresenta-se perfeitamente distribuída em quatro grandes épocas — a da conquista, a do domínio, a da experiência liberal-democrática e a do ouro negro.

Na primeira, assistimos à chegada dos europeus que vieram descobrir a terra e montar os primeiros estabelecimentos para a instalação do domínio. Então, êsses europeus que eram espanhóis como FRANCISCO DE ORELANA e URSÚA-AGUIRRE visitaram a terra de oeste-leste, descreveram-na ao Velho Mundo, pintaram-na como velocinos maravilhosos que deviam ser, quanto antes, desvendados e explorados para o bem estar material e o enriquecimento da Europa. A Amazônia aparecia no cartaz dêsses viajores e descobridores sensacionalistas como nas reportagens de nossos dias dos jornalistas norte-americanos. A Amazônia era o Eldorado ou parte integrante dêsse Eldorado que movimentava heróis e agitava os espíritos mais calmos.

Vieram, a seguir, os portuguêses e os mamelucos do nordeste brasileiro que combateram os Tupinambá, a lhes embaraçarem os propósitos conquistadores, e os concorrentes vindos de Batávia, Irlanda e Britânia. Organizados em emprêsas de amplos capitais e sob o apoio dos governantes inglêses e holandeses, êsses concorrentes deram dores de cabeça, exigiram coragem, bravura, energia e vontade de vencer. Nenhuma dessas virtudes desertou dos luso-brasileiros. E os concorrentes foram postos fora, depois de refregas que principiaram em 1616 e se estenderam até 1631.

A conquista então pôde tomar direção mais firme. Colunas de sertanistas, em flotilhas guiadas pelo gentio, sem cuja colaboração, sem cuja inteligência, sem cuja aptidão, sem cujo suor nenhum passo se pode dar na hinterlândia, partiram em direção norte e oeste. PEDRO TEIXEIRA, bandeirante máximo da região, subiu o Amazonas e passou a Quito, no Equador. Na baixada, indicou a existência de um mundo

interior que era necessário alcançar permanentemente e onde se guardavam riquezas incontáveis. O romance dos primeiros dias volta a escrever-se. Um cronista cheio de seiva, frei CRISTÓVÃO DE ACUNA, deu panoramas e flagrantes deliciosos que convidaram à façanha.

E as Tropas de Resgates, que objetivavam agarrar o bugre da hinterlândia para os mercados de escravaria vermelha de Belém e São Luís, as Tropas de Guerra, que iam semear postos militares e conter os vizinhos que desejavam o mesmo espaço, as Tropas de sertanistas que procuravam a especiaria nativa e abundante, atiraram-se à emprêsa numa atividade incessante. Os grandes afluentes do Amazonas, como o Jari, o Negro, o Branco, o Madeira, o Japurá, o Tapajós, o Xingu, o próprio Tocantins-Araguaia, foram penetrados e reconhecidos. Com a penetração de sentido político-econômico, realizava-se o reconhecimento geográfico, primeira identificação fisiográfica e geo-humana da Amazônia.

Nessa marcha expansionista, os sertanistas brasileiros do norte encontraram-se com os bandeirantes que desciam de São Paulo pelas águas do Tocantins-Araguaia, Tapajós e Madeira-Mamoré-Guaporé. A irradiação, por outro lado, conduzia-os ao Maranon, ao Napo, ao Aguarico, ao Coca, ao Oiapoque e ao Cassiquiari-Orenoco. Atingiram, assim, águas de bacias estranhas ao Amazonas. E no empreendimento, marcaram com sua presença fronteiras que os diplomatas nem sempre puderam, mais tarde, sustentar para o Brasil nascente.

Seis Ordens Religiosas, a essa altura, compareceram à região, no afã catequista, logrando resultados admiráveis. Estudaram a terra, estudaram o homem. Programaram a valorização da Amazônia. Dois jesuítas, LUÍS FIGUEIRA e ANTÔNIO VIEIRA, arquitetaram a criação de um grande império ultramarino nas selvas tropicais do extremo-norte brasileiro. Milhares de bandos indígenas aceitaram o domínio pela intervenção dêsses europeus de batina, que lhes falavam uma linguagem cordial e lhes defendiam a liberdade. O drama mais impressionante talvez não fôsse, então, aquêle da criação do espaço político, mas o que em parte dêle decorre e era o da luta pela liberdade. O homem que trazia a técnica da Europa e pretendia desprezar a cultura das massas gentias, desejava-o para tudo. E o escravizava. O Religioso, combatendo pela liberdade, negando desde aí qualquer significado à superioridade de raças, de pigmentação ou de culturas, pregou dest'arte a igualdade.

Na segunda fase, o domínio se processou sob fundamentos econômicos e políticos mais firmes. Até então, o aparelhamento estatal era rudimentar. Na Amazônia, as autoridades tinham uma jurisdição limitada. Subordinadas aos governadores do Maranhão, dêles recebiam ordens e instruções. Pequenos trechos do grande espaço eram entregues a fidalgos e soldados venturosos da conquista para a experiência de tipo feudal das capitanias hereditárias.

Nessa segunda fase, o equipamento político-administrativo operou-se com certo luxo. Belém ensaiara seus primeiros passos em 1616. Sua posição geográfica indicava-a para o comando da vida que se erguesse no extremo-norte. Dela saíam as expedições de descobrimentos. Como que servia de atalaia para a defesa da região. Como Buenos Aires, para o Prata, domina o largo estuário amazônico, serve de grande porta política à região. Os homens públicos que vêm servir os propósitos progressistas e reformistas do marquês de POMBAL, mudaram-se para elá onde sediaram a alta administração do mundo amazônico brasileiro. Criaram-se cargos, obrigações, serviços, trouxeram-se imigrantes, lavrou-se a terra, organizou-se um vasto plano de trabalho, construíram-se edifícios públicos e militares, civis e religiosos, de grandiosidade arquitetônica. Homens de alta importância no Reino vieram governar a Amazônia. O próprio irmão de POMBAL veio inaugurar essas transformações violentas que principiaram com a retirada drástica dos Religiosos que não se amoldavam aos planos oficiais. Nas aldeias montadas por êsses Religiosos, instalaram-se edilidades e funcionários com encargos administrativos. Criaram-se vilas e povoados. Até então, além dos Regimentos particulares dos capitães-mores e dos governadores e demais funcionários, o grande texto era o chamado "Regimento das Missões", que regulava a vida nos burgos indianos sujeitos à vigilância e à intervenção dos missionários. Com a retirada dêsses, o irmão de POMBAL decretou, sob aprovação real, o "Regimento do Diretório", novo estatuto que consubstanciava as linhas centrais do "Regimento das Missões" e o que experiência e a filosofia liberal começaram a indicar para o contacto com as multidões gentias.

Os missionários eram acusados de planejar a criação de um estado à parte, de índole teocrática. O regime a que obedeciam êles e seus catecúmenos era semelhante aos das missões paraguaias. Como lá, a experiência que se tentou com a novidade leiga foi desastrosa. As massas indígenas não estavam preparadas para a novidade e o resultado foi o regresso de tribos e tribos ao recesso da floresta, de onde as foram "descer" os funcionários civis e militares para reintegrá-las nas posições sociais a que a lei as elevava.

Êsse segundo ciclo, por outro lado, foi assinalado pela obra notável de reconhecimento científico dos grandes cursos d'água, tarefa de que se incumbiram técnicos lusitanos e estrangeiros a serviço de Portugal. Procurava-se então regularizar o problema das fronteiras com os territórios espanhóis de Nova Granada, Alto e Baixo Peru, Capitania de Venezuela. Comissões de demarcadores trabalharam nessa oportunidade com um devotamento especial, logrando resultados memoráveis que enriqueceram os conhecimentos sôbre a Geografia amazônica, desde a Geografia Física à Geografia Humana. Cabe aqui referir dois nomes que precisam ser recordados: MANUEL DA GAMA LÔBO D'ALMADA e ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA. O primeiro exerceu funções polí-

ticas e técnicas em vários distritos amazônicos. Governou a Capitania de São José do Rio Negro e chefiou a comissão portuguêsa de limites, após ter feito reconhecimentos geográficos nas bacias dos rios Negro e Branco e ter verificado as possibilidades de comunicação das bacias do Negro e Japurá-Solimões. O segundo, natural da Bahia, naturalista, indagou com um critério especial, por ordem régia, todos os aspectos da formação social da região, apurando também quanto lhe foi possível da botânica e da fauna amazônicas. Seus trabalhos, anos depois desbaratados pelo cientista GEOFROY DE SAINT-HILAIRE, deram-lhe alta nomeada. Chamamos-lhe Humboldt Brasileiro. Situamo-lo ao lado de FÉLIX DE AZARA, CALDAS e MUTÍS, que por essa mesma época realizavam tarefa semelhante no Prata e na Colômbia.

Com o mal-estar criado com a Revolução Francesa, que impôs um estado de alarme na Amazônia, e posteriormente com os pronunciamentos dos hispano-americanos vizinhos, encerrou-se o segundo ciclo histórico. As idéias liberais, apesar de todo o esfôrço das autoridades absolutistas, chegaram e impressionaram as populações amazônicas, as quais tomaram atitude antes de quaisquer outras dos demais trechos do Brasil, iniciando a era liberal-democrática que levou a Província, depois de sangrentas demonstrações, a integrar-se no Império que o Brasil passava a constituir na Sul América.

A era liberal-democrática foi experimentada no seu início, na Amazônia, por entre os conflitos partidários mais extremados. Entre 1821 e 1840, a Amazônia viveu comoções sangrentas. Seus homens lutaram de armas na mão por seus ideais. Nenhum distrito do Brasil-Império conheceu as mesmas desventuras partidárias. A massa gentia, recebendo a nova da independência como um ajuste de contas com o dominador, imaginou-se na posse de uma liberdade que poderia levá-la a substituir êsses mesmos dominadores inclusive na posse dos haveres privados. E a guerra civil, de fundo social, veio a furo com tremendas conseqüências. Bandos de rebeldes apossaram-se de quase tôda a Amazônia. Um nordestino de 21 anos, EDUARDO ANGELIM, comandou a rebelião, repelindo propostas de estrangeiros para retirar a Amazônia da comunhão brasileira e contendo seus companheiros nos excessos a que se entregavam aqui e ali. Soldados eminentes do Império, funcionários civis, sacerdotes, proprietários rurais, comerciantes, burgueses, homens do trabalho, escravos negros, todos os elementos, enfim, que compunham os vários graus da sociedade amazônica, participaram dêsse drama de heroísmo e de sangue. Quarenta mil vidas pagaram os excessos partidários da guerra civil. Tôda a vida econômica da região ficou comprometida. Proprietários que possuíam milhares de cabeças de gado viram-se, da noite para o dia, reduzidos a três e quatro animais. A seivosa demonstração cívica criara um passivo imenso.

A restauração econômica, social e política foi a obra a que se entregaram as gerações saídas do entrevero. Obra silenciosa, para a

qual todos trouxeram a sua partícula. Descobriram-se novas especiarias, novos tipos comerciáveis na flora e na fauna regionais. Mercê de providências governamentais, começavam a sulcar as águas do Amazonas e de seus afluentes principais, indo as linhas até Nauta, no Peru, os barcos a vapor, revolução que um homem de gênio, IRINEU EVANGELISTA DE SOUSA, visconde de MAUÁ, realizava com os seus capitais, com os capitais mobilizados na própria Amazônia e aquela vontade pragmática que tanto lhe distinguia as atitudes. Começava evidentemente o quarto ciclo. Os estadistas imperiais, com os homens que criavam a riqueza na hinterlândia, sem mais os entrechoques políticos, atiraram-se à emprêsa da contribuição do extremo-norte para a economia e a finança do Império. Romperam-se os mistérios que ainda o envolviam. Penetraram-se novos cursos d'água, como o Madeira e o Juruá. Era o ciclo de borracha que vinha inaugurar um novo estádio na economia brasileira. Um movimento migratório sensacional, de que participaram mais de cem mil brasileiros do Nordeste, do Ceará principalmente, caracterizou o momento. As linhas de penetração colonial foram rompidas. Os sertanistas avançaram pelo coração da floresta, repetindo os episódios do bandeirantismo colonial. Vem a pêlo recordar um nome, JOÃO GABRIEL DE CARVALHO E MELO, pioneiro a quem devemos o descobrimento dos seringais do Acre, para onde levou os primeiros povoadores. Atrás dêles, as multidões vieram chegando para a batalha. Nem o índio nem a agressividade ambiente conseguiram fazer estacar a marcha. Chegamos, asism, a extremos da fronteira. Atingimos e ocupamos o alto Acre, o alto Purus, o alto Juruá. O que compõe, na atualidade, o Território Federal do Acre, é uma conseqüência dessa marcha admirável, que provocou incidentes com os nossos vizinhos peruanos e bolivianos, incidentes resolvidos em benefício da boa harmonia e da boa vizinhança continentais.

O quarto ciclo assistiu à abertura do Amazonas à navegação mundial. Foi um passo decisivo para a nossa integração na vida universal. Nesse quarto ciclo, rondas de cientistas percorreram a Amazônia, estudando-lhe todos os motivos fisiográficos e de naturalística. Os BATES, os WALLACE, os CHANDLESS, os HUBER, os GLYCON DE PAIVA, os HARTT, os SILVA COUTINHO, os TORQUATO TAPAJÓS, os RONDON e seus companheiros, estudaram, descobriram, provocaram sensação com o que apuraram. Nesse mesmo ciclo, comissões de limites trabalharam como ainda trabalha a que tem a chefia do comandante BRÁS DIAS DE AGUIAR, na demarcação das nossas fronteiras políticas. Assistiu, por fim, essa etapa de agora, ao primeiro planejamento da organização social e econômica do vale, com o decreto de 1912, que fixou os aspectos do problema amazônico e preparou o clima para as tarefas de magnitude que ora se executam para a recuperação regional.

Êsse esfôrço de recuperação envolve a colonização, a regulamentação e o aumento da produção, a tarefa de saneamento, o reequipamento

financeiro e técnico. Em 1852, inaugura-se a Província do Amazonas, que tirava raízes da antiga Capitania de São José do Rio Negro. O retalhamento político-administrativo, necessário, como um melhor complemento dessa tarefa de brasilidade em execução, completou-se agora com a criação dos Territórios Federais de Amapá, Rio Branco e Guaporé.

A estrutura econômica A economia amazônica foi e é caracterizada pela indústria extrativa. Seus estádios econômicos podem, todavia, ser divididos em três. No primeiro, o homem da Europa, penetrando a região, descobrindo-lhe as riquezas naturais mais à vista, servindo-se, para tal, da informação do gentio, servindo-se do seu braço e da sua inteligência para a tarefa da coleta e do beneficiamento rudimentar da matéria prima, exportou para Lisboa essa riqueza que se imaginava capaz de substituir a especiaria oriental, então a escassear pela atrevida concorrência que aos portuguêses começavam a fazer outros povos europeus interessados no negócio colonial. Essa especiaria era representada, a êsse tempo, pelo cacau, pelo cravo fino e grosso, pelo urucu, salsaparrilha, canela, quina, casca preciosa, baunilha, pita, algodão, carajuru, sementes oleaginosas, canafístula, madeiras. Tôda ela encontrava preço compensador nos mercados europeus, onde as utilizavam na farmacopéia, na condimentação e em outras utilidades, domésticas ou não. As madeiras serviam na construção de embarcações e de edifícios públicos. Palácios portuguêses, particulares ou do Estado, foram construídos com o madeirame que se solicitou à Amazônia. O Palácio de Queluz, com que o rei D. José pretendeu responder ao francês de Versalhes, foi erigido com as espécies da floresta amazônica.

Êsses gêneros, encontrados em estado selvagem, colhidos por imensas flotilhas de canoas de sertanistas, por fim vieram a ser cultivados nas propriedades que se montaram nas cercanias de Belém e nas regiões circunvizinhas.

A êsses gêneros florestais, devemos acrescentar os de origem animal, principalmente os da espécie ictiológica. O homem da Amazônia, nesse estádio, como nos estádios posteriores até o presente, pescou o pirarucu, pescou o peixe-boi e agarrou as tartarugas. Salgou-os, e exportou-os largamente. Fêz um negócio rendosíssimo, embora adotando, ontem como hoje, os processos mais primitivos, rústicos, de origem indígena.

No segundo estádio, que começou com as advertências e instruções emanadas, ainda no período colonial, do marquês de Pombal e seus delegados na Amazônia, lavrou-se a terra intensamente e colonizou-se o espaço que se foi rasgando na floresta, a fogo. Trouxeram-se instrumentos apropriados, experimentou-se o arado com resultados pouco

animadores. Plantou-se o arroz, cana, algodão, cacau, café, tabaco. Continuou a exploração das espécies nativas. O volume da produção cresceu ano a ano, abrindo-se mercados externos que solicitavam os gêneros amazônicos com certa sofreguidão. A navegação a vapor, de 1852 em diante, facilitando a circulação das riquezas, conduzia a Belém tudo quanto resultava da atividade do homem da hinterlândia.

Pequenas indústrias começaram a ser montadas. Em 1862, havia em Belém 1 273 estabelecimentos industriais. O açúcar constituía o principal produto dessa indústria incipiente. Nesse mesmo ano de 1862, somavam-se 161 engenhos no Pará. As ligações comerciais com os Estados Unidos, iniciadas no comêço do século XIX, as relações com a Inglaterra, Espanha, França e Alemanha, por outro lado, foram dando à economia amazônica um destaque singular nas características e na robustez da economia brasileira do Império. Em 1862, por exemplo, somavam-se vinte artigos nos mapas da exportação das duas Províncias que integravam pollticamente o Brasil amazônico.

A essa segunda etapa seguiu-se finalmente a que ainda fundamenta a nossa razão de ser econômica — a borracha. Apresentando-se nos quadros da nossa exportação desde os princípios do século XIX, a borracha de 1870 em diante tomava vulto, perturbando e destruindo tôdas as atividades agrárias que se realizavam com tanto êxito. As entradas de nordestinos, ampliando o conhecimento das zonas ricas em hérveas, determinaram o crescimento astronômico da produção gomífera. Verdadeiras ondas de povoadores, atirando-se aos altos rios da margem direita do Amazonas, movimentaram o negócio gomífero. A cotação, em ascensão dia a dia, a utilização do látex das seringueiras, por outro lado, crescendo na mesma intensidade, desde que Goodyear descobriu o processo da vulcanização, criaram a grande hora econômico-financeira da Amazônia. O rio recebeu o nome de rio da borracha. Um *sholar* norte-americano de nossos dias, JOHN MALBY, estudando, num ensaio interessante e de certo modo fiel, o ciclo gomífero, assim o denominou com propriedade.

Em 1817 as estatísticas falaram de 1 029 arrôbas de borracha. Então ela era colhida por processos destrutivos, golpeando-se a árvore, em todos os sentidos e amarrando-a violentamente com cipós para extrair o látex. Chamava-se ao processo de "arrôcho". A borracha era uma produção da região das ilhas, próximas a Belém, e atividade dos caboclos paraenses.

Em 1861, o processo estava sendo abandonado. Ao invés do ferimento impiedoso e intenso da árvore, faziam-se-lhe incisões, obtendo-se uma produção de látex menor, mas constante. As árvores, descansadas periòdicamente, voltavam a contribuir com o seu sangue para a movimentação econômica amazônica. A voz de economistas como TENREIRO ARANHA e SILVA COUTINHO, fazia-se sentir para que se iniciasse a

cultura das árvores lactíferas, do contrário, além dos rendimentos serem parcos, custosos, poderia surgir algum sucedâneo que perturbasse ou desarrumasse de vez o negócio gomífero. Essas vozes pareceram derrotistas e por isso não foram ouvidas. Expressavam observações judiciosas, como se veio a verificar posteriormente.

A corrida para a floresta teve seu ponto mais alto entre 1900 e 1910. As cotações elevaram-se. As rendas dos Estados do Amazonas e Pará tinham ascensão fora de qualquer previsão orçamentária. Aquelas 1 029 arrôbas iniciais do negócio algarismavam-se nesse período pelos 250 000 000 de quilos.

A imigração da espécie para o Oriente acarretou o empobrecimento da Amazônia. Providências governamentais para evitar maiores desastres e dar uma nova direção econômica à região, programadas com luxo de detalhes e evidente sentido objetivo da realidade local, não puderam ser executadas com o sucesso imediato que se esperava. As populações amazônicas, com ânimo resistente, vencendo tôdas as dúvidas, voltaram-se para os outros produtos que não tinham sido abandonados, mas representavam-se na balança da exportação, por números muito baixos. Êsses outros gêneros eram, além daqueles que já conhecemos, mais a castanha, os couros e peles de animais silvestres, a balata, a que se vieram juntar a juta, experiência agrária de sucesso impressionante, e as essências de pau-rosa, de cotação alta nos mercados da Europa e dos Estados Unidos utilizada para fixação de perfumes.

Na atualidade, como decorrência dos nossos compromissos em face da nossa política da boa vizinhança e da guerra de que participamos como potência aliada e como decorrência do vasto programa de recuperação do vale esboçado pelos técnicos nacionais por determinação de S. Excia. o Sr. Presidente da República, que deseja retirar a Amazônia da condição de simples página de geografia para transformá-la num sumoso e brilhante capítulo da história da civilização contemporânea, as condições econômicas da Amazônia tomam direção especial. Renovados os quadros de trabalho, reencetada a obra de conquista dos espaços que a derrota da goma explicava, restaurado o crédito pelo financiamento da produção, aumentada a rêde de circulação fluvial com o emprêgo de maior número de embarcações, atacado o problema da integração do homem em sua saúde pela execução de medidas especiais e bem coordenadas de saúde pública e saneamento, o panorama regional toma côres mais vivas, que se animam diàriamente. Continuamos o espaço imenso, reservatório de matérias primas necessárias ao Brasil na sua integração definitiva como nação industrial, é certo. Mas a atividade que estamos desenvolvendo garante-nos perspectivas sem sombras inquietantes.

A Amazônia, permitam para concluirmos esta caricatura, que repitamos a afirmativa inicial, é uma imensa rêde hídrica e uma densidade florestal desmedida. Que realizou nela o homem? Um dos observadores mais severos e exatos das coisas amazônicas, EUCLIDES DA CUNHA, con-

cluiu que sendo a Amazônia como que a última página do *Genesis*, o homem estava ali presente ainda como um intruso com um rendimento de atividades insignificante.

Ora, no decorrer desta conversa, tivemos a oportunidade de verificar que o esfôrço do homem tem sido dramático e de certa maneira notável. De sua energia criadora, apesar de tôdas as fôrças negativas que o perseguem, podemos ter um índice expressivo nos dois centros urbanos de que se orgulha — Belém e Manaus, que êle construiu dentro da melhor técnica que foi possível, na região equatorial, dando-lhes tôdas as características dos centros urbanos progressistas e trabalhados com gôsto arquitetônico e servidos de todo o equipamento que as cidades modernas exigem.

No tocante à economia, demonstração melhor de sua capacidade, os êxitos que alcança sôbre a floresta têm qualquer coisa de espetacular. Se a economia que resulta dessa pugna é ainda uma economia de caráter destrutivo, nem por isso podemos descrer dêsse homem ou dêsse ambiente. As riquezas florestais em potencial exigem a continuidade dêsse esfôrço sôbre a floresta. O homem amazônico, por outro lado, não pode abandonar suas atividades repentinamente, desprezando o que criou em dois séculos de trabalho para ajustar-se a outros tipos de civilização econômica. A Amazônia é, evidentemente, o maior parque de matérias primas do continente, matérias primas que proporcionamos aos nossos demais irmãos do mundo americano e a todos os povos animados do espírito de fraternidade humana. Mas é também uma das páginas mais eloqüentes da capacidade e da coragem dos brasileiros.

★

RÉSUMÉ

L'auteur, professeur ARTUR CÉSAR FERREIRA REIS, membre de l'Institut Historique et Géographique du Brésil, fait une étude dans ce travail des facteurs plus importants qui ont contribué à la formation de l'Amazonie brésilienne et des aspects plus intéressants de son actualité.

L'auteur commence par faire une description du cadre qui enveloppe l'Amazonie et met en évidence les deux caracteristiques fondamentales qui sont la forêt et l'imense réseau hydrographique, sans oublier les petits bassins qui forment la Guyanne Brésilienne. Les conditions géographiques régionales sont, ensuite, fixées par l'auteur, en prennant toujours pour base les deux caractéristiques sus mentionnées. L'auteur fait après des considérations à propos des "cultures primitives" et montre l'importante contribution culturale apportée par les familles d'indigènes. Les "agglomérations humaines" sont analysées par l'auteur qui établit l'évolution et les genres de vie de chacune d'elles. Les deux types humains qui predominent sont le *"caboclo"* et le *"nordestino"*.

La formation politique de la société amazonienne comprend quatre phases: la première, correspond à la conquête réalisée par les colons et les réligieux provenants du Portugal, ainsi que par les mameluques du Nord-Est qui se déplacent vers l'hinterland et créent l'espace politique; la deuxième, correspond à l'époque de fixation des agglomérations humaines, une fois vaincues les difficultés de la conquête, ce qui a permit l'établissement des premières cultures, de l'élévage, l'échange entre les diverses races et l'organisation sur des bases fermes de la colonisation; la troisième, se rapporte à l'expérience de la libéral-démocratie que les hommes de l'Amazonie, influencés par la Révolution Française, ont tenté mettre en pratique en lutant pour leur indépendance et, plus tard, déjà sous l'Empire, pour acquérir leurs droits politiques et sociaux, en provoquant un état de guerre civile connue par la dénomination de "Cabanagem"; la quatrième, surnommée de "l'Or Noir" (ouro negro), correspond à l'offensive contre la forêt pour en retirer le caouchouc et des quantités de produits d'origine animale et végétale, ce fut une époque de grande opulence.

En finissant, l'auteur étudie la "structure économique" de l'Amazonie, en montrant que les rendements de la production et du commerce de cette région sont basés sur la dépédration, ce qui permet l'ocurrence de certains aspects primitifs, mais qui prouvent cependant l'energie des travailleurs brésiliens qu'y sejournent.

RESUMEN

El autor, profesor ARTUR CÉSAR FERREIRA REIS, miembro del Instituto Histórico y Geográfico Brasilero, aborda en su trabajo la Amazonia brasilera en los más notorios aspectos de su formación y de la actualidad. Inicialmente pasa en revista el escenário, señalando como caracteristicas fundamentales la floresta y la masa de agua que constituye el conjunto fluvial de la cuenca del Amazonas y de las pequeñas cuencas que bañan la Guyana Brasilera en el territorio federal de Amapá. Estudia a seguir, las condiciones geográficas regionales, principalmente aquellos dos fundamentos característicos. Pasa despues a las "culturas primitivas" indicando la importancia de las familias indígenas que poblaron la región, señalandoles su contribución de naturaleza cultural. En los "nódulos sociales", examina los grupos humanos que dan color al medio, indicándoles los estilos de vida, partiendo de las líneas de constitución a las actividades que ejercen en la actualidad. Clasifica dichos grupos teniendo en cuenta, principalmente, los géneros de actividades que ejercen. Destácalos por otro lado por el origen sintetizándolos, en consecuencia, en dos tipos: el caboclo y el nordestino. En las cuatro épocas de la vida histórica, pasa en revista el proceso de formación política de la sociedad amazónica: la primera, la de la conquista realizada por los colonos y religiosos lusitanos y por los mamelucos nortistas que penetran el hinterland y crían el espacio político; la segunda, la del dominio, cuando los portugueses, vencidos los obstáculos de la empresa descubridora, establecen la colonia sobre bases más firmes, organizan, en fin, la región, dentro de normas políticas fundadas en la creación de núcleos urbanos, en la miscigenización intensiva, en el trabajo agro-pecuario; en la tercera, la de la experiencia liberal-democrática en que los hombres de la Amazonia se iluminan con las novedades traídas por la Revolución Francesa, luchan por la Independencia y posteriormente, yá bajo el Imperio, por sus derechos políticos y sociales, tentando la masa popular, en esa oportunidad, sus reivindicaciones, lo que dió margen a ese estado de guerra civil conocida bajo la denominación de "Cabanagem"; la cuarta, en fin, la del "oro negro", marcada por la ofensiva realizada contra la floresta en la recolección del caucho y de varias otras especies vegetales y animales, época de esplendor de la región.

En la "estructura económica", el autor, encerrando el ensayo, retrata los fundamentos de la producción y del comercio amazónicos, insistiendo en su carácter predatorio, que le dá colorido rústico, primitivo, mas de otro lado en face del agreste paisaje regional, revela un hombre enérgico, que enfrenta a la naturaleza y dá elocuencia a la capacidad de los brasileros para tareas de tal estilo.

RIASSUNTO

L'autore, prof. ARTUR CÉSAR FERREIRA REIS, membro dell'Istituto Storico e Geografico Brasiliano, esamina i principali aspetti della formazione e della realtà attuale dell'Amazzonia brasiliana. Comincia descrivendone il paesaggio, che ha per caratteristiche fondamentali la foresta e la massa acquea costituita dall'insieme fluviale del bacino delle Amazzoni e dei bacini minori situati nella Guiana Brasiliana, nel Territorio Federale dell'Amapá. Studia, poi, le condizioni geografiche regionali, riferendosi sopratutto alle due accennate caratteristiche. Indi tratta delle "civilità primitive", mettendo in rilievo l'importanza delle famiglie indigene che popolarono la regione ed illustrando i loro contributi culturali. Nei "noduli sociali", descrive i gruppi umani che animano l'ambiente, mostrando come essi vivono e collegando i loro caratteri costituzionali con le loro attività. Classifica codesti gruppi, da un lato, secondo i generi delle attività esercitate, dall'altro, secondo l'origine, che dà luogo ai due tipi del caboclo (proveniente dalla fusione delle razze indigene con la razza bianca) e del nordestino (brasiliano del Nord-Est). Passa in rassegna il processo di formazione politica della società amazzonica, distinguendo quattro fasi. La prima è quella della conquista, da parte dei coloni e religiosi portoghesi e dei meticci del Nord, che penetrano nell'interno ed estendono lo spazio politico. La seconda è quella del' l'organizzazione, da parte dei Portoghesi, che, superati gli ostacoli della scoperta, stabiliscono la colonia su salde basi, disciplinandola con norme politiche imperniate sulla creazione di nuclei urbani, sull'intensa fusione delle razze, sul lavoro agricolo e pastorale. La terza è quella dell'esperienza liberale-democratica, in cui gli Amazzonesi, ispirati dalle nuove idee della Rivoluzione Francese, lottano, da prima per l'indipendenza, e poi, ai tempi dell'Impero, per i diritti politici e sociali (l'azione popolare per il trionfo di queste rivendicazioni condusse ad uno stato di vera guerra civile). La quarta ed ultima è quella dell' "oro nero", contrassegnata dalla battaglia contro la foresta per la raccolta della gomma e di altri prodotti vegetali ed animali: fase di massimo splendore della regione.

Nell'ultima parte dello studio l'autore descrive le caratteristiche dell'economia della regione amazzonica: economia di rapina, nella maggior parte, con tratti rustici e primitivi. Di fronte alle difficoltà dell'ambiente fisico, si rivela l'energia dell'uomo che l'affronta, e si manifesta la capacità del Brasiliano per codesto rude compito.

SUMMARY

The author, Professor ARTUR CÉSAR FERREIRA REIS, an outstanting member of the Brazilian Historical and Geographical Institute introduces his work or the Brazilian Amazon region with excellent photographs of its formation and present-day appearance.

He begins by reviewing the scenery, noting as its fundamental characteristics, the forest and the water masses which together constitute the fluvial basins of the Amazon and the small basins that wet the *Goianian-Brazilian* in the Federal Territory of Amapá. He then studies the regional geographical conditions, principally, those of the two fundamental characteristics. Next, he passes to the "primitive cultures" in which he points out the importance of the indigenous families which populated the region, attributing the contribution of cultural birth to them. In

the "social nodules", he examines the human groups that gave color to the *other half*, pointing out their ways of living, separating them from the lines of their constitution to the activities which they exercise at present. He classifies those groups taking into account, especially, the kinds of activities that they exercise. He presents them, on the other hand, by their origin, synthetizing them consequently into two types: — the "caboclo" (Indian or mixed breed) and the northeasterner. In the four epochs of the region's historical life, the political formation process of the Amazonic society passes in review; the first, that of the conquest by the colonizers, the religious Lusitanians, and by the northern "mamelucos" (offspring of Indian and white), who penetrated the hinterland and gave birth to the political expanse; the second, that of domination, when the Portuguese conquered the obstacles of the discovered undertaking, established the colony on a sounder basis, organized the region within political norms founded on the creation of urban centers, on intensive miscegenation, and on land cultivation and cattle raising; the third, that of the liberal-democratic experience, in which the Amazonians were fired with the new ideas brought out by the French Revolution, so that they fought for independence and later while under the Emperor for their political and social rights, the masses trying at that time their reclamations which brought about the state of civil war known by the name of "Cabanagem" (1834-1836);) the fourth, and last era, is that of the "black gold", marked by the offensive taken against the forest in the gathering of rubber and of various other plant and animal species, an epoch of great splendor.

In the "economic structure", the author, closing his work, portrays the basis of Amazonian production and commerce. He insists that in spite of its predatory fashion which gives the region a rustic and primitive appearance, there is, on the other hand, in view of the regional rural landscape, an energetic man who confronts nature. He praises the capacity of the Brazilian for tasks of this type.

ZUSAMMENFASSUNG

Der Verfasser, Herr Professor Artur César Ferreira Reis, ordentliches Mitglied des Historischen und Geographischen Instituts, bearbeitet in seiner Abhandlung den brasilianischen Teil des Amazonas in seinen wichtigsten Punkten, wobei er besonders die Fragen der Gegenwart beachtet. Als erstes zeigt er die Landschaft, wobei er die grundsächlichen Charakterzüge, die Wälder und Gewässer, welche das Gesammtbild bilden, erwähnt. Nicht vergisst er dabei die kleinen Wasserbecken des brasilianischen Goianas wie die des Teritoriums von Amapá. Dann beachtet er die regionalen geographischen Bedingungen, besonders die beiden schon erwähnten fundamentalen. Auf die "primitivenPflanzungen übergehend, erwähnt er die Bedeutung der Ureinwohner, die diese Gegenden bewohnen, wobei er nicht vergisst ihre Bedeutung auch in kultureller Hinsicht zu erfassen. Er untersucht in den menschlichen Niederlassungen die der Landschaft ihr Gepräge geben, ihre Zusammenstellung wie auch die Tätigkeiten der dieselben sich hingeben. Er klassifiziert diese Gruppen nach ihren Berufstätigkeiten. Anderseits erwähnt er aber auch ihre Herkunft, so kommt er zu zwei Typen: dem "Caboclo" und dem "Nordwestler". In den vier Stadien des historischen Lebens zeigt er die politische Entwicklung der Amazonischen Gesellschaft: das erste Stadium ist das der Eroberung durch die Kolonen und portugiesischen Mönche wie auch durch die Mameluken des Nordens, welche das Hinterland durchdrangen und die den politischen Raum schufen; das zweite ist das der Herrschaft, als die Portugiesen, nachdem die Schwierigkeiten des Entdeckens überwunden waren, die Kolonie auf breitere Grundlagen setzten und die Gegend, innerhalb der bestehenden politischen Grundlagen, organisierten, kleine Städte gründeten und eine intensivere Arbeit in Angriff genommen werde konnte; das dritte Stadium ist das der liberal-demokratischen Versuche wo die Menschen des Amazonas sich durch die Neuheiten, welche die französische Revolution brachte, beeinflussen liessen und für die Unabhängigkeit kämpften, und schliesslich, schon zur Zeit des Kaiserreichs versuchte die Bevölkerung, in Wahrung ihrer sozialen und politischen Rechte, durch die Waffen diese zu erringen, Zeitpunkt welcher durch den Zustand des Bürgerkriegs bekannt war und der "Cabenagem" benannt wurde; das letzte und vierte Stadium war das des "Schwarzen Goldes" wo gegen die Wälder gekämpft und Gummi gesammelt wurde, wie auch die anderen Reichtümer des vegetalen und animalen Königreiches dieser so reicher Gegend, dieses war die Zeit des Hochglanzes.

In dem Kapitel "wirtschaftliche Estruktur" zeigt der Verfasser, bevor er seine interessante Ausführung beendet, die Grundlagen der Produktion und des amazonischen Handels, wobei er besonders seine predatorische Form hervorhebt, welche ihr ländliche Sitten aufzwingt, aber auch den energischen Kämpfer entwickelt und der beendet seine Linien mit einem gerechten Lob für diese tapferen Einwohner, die ihrer schweren Aufgabe gerecht zu werden versuchen.

RESUMO

La aŭtoro, P-ro Artur César Ferreira Reis, membro de Historia kaj Geografia Brazila Instituto, en sia artikolo pritraktas la brazilan Amazonion en la plej gravaj aspektoj de ĝia formado kaj de ĝia estanto. Komence, li pririgardas la scenejon montrante kiel fundamentajn karakterizajojn la arbaron, kaj la mason da akvo, kiu konsistigas la tiel nomatan riveran kunaĵon de la baseno de Amazono kaj de la malgrandaj basenoj, kiuj banas Brazilan Gujanon en la Federacia Teritorio Amapá. Li studas sekve la regionajn kondiĉojn geografiajn, precipe tiujn du karakterizajn fundamentojn. Li pasas poste al la "primitivaj kulturoj", kaj tiam indikas la gravecon de la indiĝenaj familioj, kiuj loĝatigis la regionon, kaj montras ilian kulturecan kontribuon. En "sociaj centroj", li ekzamenas la homajn grupojn, kiuj nuancas la medion, kaj indikas iliajn vivkutimojn komencante de la linioj de ilia konsistigo ĝis la aktivecoj, kiujn ili ekzercas nuntempe. Li klasigas tiujn grupojn konsderante precipe la specojn de aktivecoj, kiujn

ili ekzercas. Li ilin apartigas, aliflanke, laŭ la deveno, kaj do resumas ilin en du tipojn: la enlandido kaj la nordorientano. En la kvar epokoj de la historia vivo, li pririgardas la proceson de politika formado de la amazonia socio: la unua, tiu de la konkero realigita de la portugalaj koloniistoj kaj religiuloj kaj de la nordaj mestizoj, kiuj penetris la internlandon kaj kreis la politikan spacon; la dua, tiu de la regado, kiam la portugaloj, post la venko kontraŭ la baroj al la eltrovanta entrepreno, starigis la kolonion sur pli firmaj bazoj, organizis fine la regionon, en politikaj normoj fonditaj sur la kreado de urbaj centroj, en la intensa miksado, en la kampkultura-breda, laboro; en la tria, tiu de la liberala-demokratia eksperimento, en kiu la homoj de Amazonio sin inspiras per la novaĵoj alportitaj de la Franca Revolucio, ili luktas por la sendependeco kaj poste, jam sub la Imperio, por siaj politikaj kaj sociaj rajtoj; en tiu tempo la popolamaso ekfaras siajn depostulojn, kaj tio naskis tiun staton de interna milito konata laŭ la nomo de "Cabanagem"; la kvara, fine, tiu de la "nigra oro", distingigita per la ofensivo realigita kontraŭ la arbaro por la rikoltado de la kaŭĉuko kaj de la diversaj aliaj vegetaj kaj bestaj specoj — epoko de brilegeco en la regiono.

En "ekonomia strukturo" la aŭtoro, finante la skizon, elmontras la fundamentojn de la amazoniaj produktado kaj komerco, akcentante ilian kaptan trajton, kiu kaŭzas aspekton krudan, primitivan, sed, aliflanke, antaŭ la kampara regiona pejzaĝo, konigas energian homon, kiu frontas la naturon kaj atestas elokvente la kapablon de la brazilanoj por tiaspecaj taskoj.



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura